



Transtorno do espectro autista e fenomenologia: um distanciamento baseado em mitos

Marcos Vinicius Lourenço Nunes*

Universidade Federal De São Paulo (UNIFESP)

mvln_01@hotmail.com

Recebido em: 29/03/2023

Aceito em: 25/06/2024

* Psicólogo formado pela Universidade Federal De São Paulo (UNIFESP) em 2011, especialização em “Psicopatologia Fenomenológica” pela Faculdade De Ciências Médicas Da Santa Casa De Misericórdia De São Paulo em 2014, especialização em “Saúde Mental Da Infância E Adolescência” pela Universidade Federal De São Paulo. Atualmente, psicólogo do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil Travessia (CAPSij Travessia) da Prefeitura Municipal De Campinas.

Resumo: O artigo pretende fomentar tópicos para reflexão dos motivos que situem o porquê da prática fenomenológica se mostrar distanciada dos cuidados aos pacientes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e trazer à tona uma possibilidade de práxis fenomenológica desempenhada dentro do âmbito desta diagnose. Utilizaremos o pensamento de autores como Merleau-Ponty, Heidegger, Messas e Feijoo para propiciar o debate crítico da referida abordagem com a forma de estruturação das ciências hegemônicas; além disso, usaremos três histórias em quadrinhos (*A Diferença Invisível*, *Fala Maria: Um Romance Gráfico Sobre O Autismo* Jun) para representar aquilo que a Fenomenologia pretende conquistar como “local mais originário”, buscando estabelecer um território de atuação desta abordagem junto ao TEA. Vislumbra-se discutir o afastamento destes polos a partir da nomeação de uma tríade alegórica – *mito da irrelevância, da insignificância e da inépcia* – que revela as bases elementares que sustentariam o modo de funcionamento do pensamento científico e como tal engendramento de princípios desloca a Fenomenologia para um local de desvalor prático, mantendo a cientificidade dentro de suas próprias logísticas e culminando na operacionalização do cuidado mediante o modo de pensar técnico-calculante.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Fenomenologia; Psicologia; Saúde Mental.

Abstract: The article intends to promote topics for reflection on the reasons why the phenomenological practice is shown to be distant from the care of patients diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) and bring to light a possibility of phenomenological praxis performed within the scope of this diagnosis. We will use the thinking of authors such as Merleau-Ponty, Heidegger, Messas and Feijoo to provide a critical debate on the referred approach as a way of structuring the hegemonic sciences; in addition, we will use two comic books (*The Invisible Difference*, *Speak Mary: A Graphic Novel About Autism* and *Jun*) to represent what Phenomenology intends to conquer as “the most original place”, seeking to establish a territory of action for this approach with the ASD. It is possible to discuss the distancing of these poles from the naming of an allegorical triad – *myth of irrelevance, insignificance and ineptitude* – which reveals the elementary bases that would support the way scientific thought works and how such engendering of principles displaces Phenomenology to a place of practical disvalue, keeping scientificity within its own logistics and culminating in the operationalization of care through the technical-calculating way of thinking.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Phenomenology; Psychology; Mental Health.

Introdução

O fato de a Filosofia e a química fisiológica poderem examinar o homem como organismo, sob o ponto de vista das Ciências da Natureza, não é prova de que neste elemento ‘orgânico’, isto é, de que no corpo explicado cientificamente resida a essência do homem (*Heidegger*)

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) está incluso dentro dos chamados Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (OMS, p.246; APA, p.50), cujas características são: anormalidades qualitativas em interações sociais recíprocas, em padrões de comunicação, por restrição no repertório de interesses mundanos, pela presença de hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais, pela rigidez à rotinas ou à padrões ritualizados verbais ou não-verbais e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados em múltiplos contextos.

Segundo informações da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), 1 em cada 160 crianças no mundo são diagnosticadas com TEA; por sua vez, o Centro de Controle de Doenças e Prevenção do Governo dos Estados Unidos (CDC) aponta que a prevalência de incidência deste diagnóstico seria de 1 em cada 58 crianças. O aumento do número de casos de TEA se observa com base nos estudos epidemiológicos realizados nos últimos 50 anos, contudo, não há um consenso universal sobre os motivos que explicariam esta constatação, que variam entre a expansão dos critérios diagnósticos e/ou o aprimoramento das ferramentas diagnósticas.

Tal diagnose se apresenta como fonte de inúmeras pesquisas científicas e, em vista desta “explosão diagnóstica”, observa-se uma “corrida científica” na busca por respostas que orientem o entendimento deste quadro. Ao longo dos últimos anos, vimos o surgimento de diversas técnicas de intervenções clínicas e métodos de trabalho voltados ao TEA: ABA, TEACCH, Denver, SCERTS, DIR/Floortime (Tempo De Chão), PECS, Integração Sensorial, entre outros.

Além disso, existem pesquisas que tentam encontrar marcadores genéticos de predisposição, alterações na neuroanatomia, alterações nos neurotransmissores destes sujeitos e que tentam relacionar de que maneira comorbidades neurológicas podem comprometer o neurodesenvolvimento destes sujeitos; em suma, tais movimentos indicam a busca por uma resposta, uma “causa explicativa” para esta condição que, até o presente momento, ainda é envolta de muitos mistérios e incertezas em seu campo nosológico.

No que tange a Psicologia, há uma predominância de práticas e pesquisas ligadas à área da análise comportamental, tendo a Terapia Cognitivo-Comportamental como linha de raciocínio; ao realizarmos uma pesquisa em quatro portais de pesquisa científi-

ca [Biblioteca Virtual De Saúde (BVS), Fundação “Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior” (Fundação CAPES), ERIC e Scielo] sob os descritores¹ *autism* e *cognitive-behavioral theory*, encontramos um total de 1.431 periódicos; como base de comparação, também realizamos pesquisas com os termos *autism* e *phenomenology* e o número total encontrado fora de 280 escritos.

Obviamente, um maior refinamento na busca nos traria resultados mais específicos, entretanto, o cenário apresentado já demonstra o quanto que a vertente fenomenológica está distanciada das articulações teóricas e práticas envolvendo o TEA. A questão que fica, a partir deste ponto, é: existem motivos que possam justificar este aparente afastamento entre a Fenomenologia e o TEA?

As bases do pensamento científico

Quando observamos a estruturação do pensamento científico, constata-se a lógica da “prática baseada em evidências” como seu principal esteio de direcionamento; mas qual o significado de “evidências”? Sua etimologia advém do latim *evidentia*, que significa “clareza, distinção”; *evidentia*, por sua vez, se baseia em *evidens* - cujo sentido é de “claro, óbvio, perceptível” -, uma junção de *ex* (fora) e *videns* (ver, enxergar); juntando tudo, teríamos algo como “aquilo que se vê de maneira clara, óbvia”.

Ora, se considerarmos que o TEA é um transtorno cujos patamares ainda são misteriosos para a ciência, é muito caro apontar uma determinada prática como “detentora de seu valor-ouro”. Afirmar que métodos específicos de intervenção clínica possuem o “poder” de entendimento do arcabouço comportamental desta diagnose em suas minúcias, a tal ponto de fornecer mecânicas seguras para seu controle social, é algo, no mínimo, curioso. Sendo assim, o que sustenta este discurso que postula um “saber hegemônico” a respeito do tratamento em TEA?

A academia científica edifica critérios para organizar suas pesquisas e definir quais destas possuem “maiores sustentações de evidências” para servirem como guias aos diferentes exercícios clínicos; a partir daí, postula-se a representação de uma pirâmide hierárquica como forma possível de indicar as “fontes mais precisas” de formulações teóricas e práticas. Mesmo que tal simbolismo gráfico continue em constante transformação nas suas bases de regras², um determinado ponto se mantém intacto: as pesqui-

1 Importante ressaltar que a escolha pelos descritores na língua inglesa se dá pelo fato da ampliação dos resultados finais. Traduzindo os verbetes: *cognitive-behavioral therapy* = terapia cognitivo-comportamental, *autism* = autismo e *phenomenology* = “fenomenologia”;

2 Para maiores informações: “Pyramids Are Guides Not Rules: The Evolution Of The Evidence Pyramid”, de Terrence Shaneyfelt; ou ainda, “New Evidence Pyramid”, de M Hassan Murad, Noor Asi, Mouaz Alsawas & Fares Alahdab;

sas relacionadas aos estudos de casos clínicos se enquadram como dotadas de menor relevância científica quando as comparamos com outras formas de trabalhos, como as meta-análises e as revisões sistemáticas.

Estas últimas, em linhas gerais, envolvem o conceito de síntese de informações e de pesquisas, baseados em métodos sistemáticos e estatísticos, sobre uma dada questão problematizadora que visa à identificação dos elementos mais relevantes dos resultados obtidos ou mesmo à elucidação de temáticas que necessitariam de maiores evidências para investigações futuras; já os estudos de casos clínicos, por conta da ideia de uma suposta falta de rigor na estruturação dos protocolos de extração dos dados e análise dos mesmos, são taxados como estratégias metodológicas “menos valorosas” quando comparamos com outras formas de investigação científicas.

Temos então o que chamaremos de *mito da irrelevância*: considerando que as meta-análises e as revisões sistemáticas se impõem dentro do pensamento científico como estudos que carregam a “comprovação de evidências científicas” e trazendo a luz um posicionamento de que o pensamento fenomenológico encontra seu apogeu nos estudos de casos clínicos (Messas, 2014, p.209); há um discurso que direciona os profissionais a buscarem apenas aquilo que seria “relevante mediante análise profunda dos dados obtidos”, logo, “a idealização matemática e o método tornam-se mais importantes em toda e qualquer investigação do que o tema a ser investigado” (Feijoo, 2010, p.48).

É importante ressaltarmos que não há como discutir a respeito da magnitude e dos reflexos benéficos dos trabalhos científicos no progresso da sociedade, cujo reverberar implica na melhora da qualidade de vida e na longevidade da população. Neste cenário, podemos citar: controles epidemiológicos de patógenos, desenvolvimento de tratamentos medicamentosos e vacinas, consolidação de estratégias de prevenção das mais variadas adversidades clínicas, desenvolvimento de intervenções cirúrgicas eficazes, etc. A partir deste ponto, uma pergunta fica pulsante: se os produtos oriundos da cientificidade são tão frutíferos, qual seria o propósito deste conjunto de indagações sobre seu pensamento e suas ações?

Reflexões fenomenológicas

Heidegger (1987/2017, p.33-34) destrona os saberes cristalizados, objetivantes e encapsulados a respeito da existência em nome de uma constituição fundamental do existir humano pautada no manter aberto, no poder-apreender as significações daquilo que aparece e ressoa na existência numa relação com o mundo baseada no caráter de abertura ao encontro.

Esta desconstrução do saber científico se alinha com aquilo que Heidegger (1987/2017, p.97) coloca sobre o conceito de crítica (do grego *crinein*), que não estaria relacionado ao



significado que o senso comum postula (apontar falhas, repreender, depreciar), mas sim com o sentido de realçar, diferenciar, deixar ver o diferente como tal em sua diferença. O intuito aqui não é de desvalorizar os avanços e conquistas do saber científico, mas sim ressaltar que, no terreno da existência, o olhar biológico e mecanicista não podem ser as únicas formas de entendermos o processo de constituição vital.

Messas (2004, p.36) ressalta que, nas últimas décadas, uma expansão do conhecimento biologicista, em aliança à ampliação do poderio psicofarmacológico, invadiu a área psicopatológica, levando a Psiquiatria ao modelo biológico-reducionista como seu padrão-ouro; sendo que, as inúmeras ferramentas tecnológicas que surgem incessantemente no ramo psicopatológico (como genética molecular e neuroimagem) ratificam ainda mais o movimento desta em se alinhar com as principais correntes científicas vigentes que buscam um conhecimento biológico estável e se afastam da tradição filosófica de base.

Merleau-Ponty (1942/2006a, p.12), anos antes, já tinha observado que este movimento expansionista do biológico teria como objetivo descobrir os elementos constantes, os “processos elementares” dos quais o comportamento é moldado no Sistema Nervoso Central (ou seja, reduzir o complexo ao simples), demonstrar que as formas físicas possuiriam todas as propriedades das reações biológicas e psíquicas dos comportamentos (Merleau-Ponty, 1942/2006a, p.211), logo, a cientificidade busca o entendimento enquanto uma estrutura preestabelecida; entretanto, tal postulado se esquece de sublinhar que esta análise de partículas é inócua quando não levamos em consideração a relação do indivíduo com seu meio (Merleau-Ponty, 1942/2006a, p.232):

As relações do indivíduo orgânico com o seu meio são verdadeiramente ações dialéticas, e essa dialética faz surgir relações novas, que não podem ser comparadas com as de um sistema físico e com aquilo que o rodeia, nem mesmo entendidas quando reduzimos o organismo à imagem que a anatomia e as ciências físicas dele apresentam. Suas reações, mesmo elementares, não podem ser classificadas, como dissemos, segundo os sistemas nos quais se realizam, mas segundo seu significado vital (Merleau-Ponty, 1942/2006a, p.232);

Heidegger (1947/2005, p.11-18) aponta que tais reduções e sobreposições dos saberes levantados pela mentalidade científica se encaminham ao domínio da subjetividade, à quebra e esvaziamento do homem enquanto ser livre, à incondicional objetivação de tudo e a consequente impossibilidade de apreensão do Ser. Heidegger (1947/2005, p.59-61) enfatiza que as ciências, em seu teor positivista, enxergam na crítica aos valores cristalizados um “movimento negacionista”, cujo foco seria aniquilar/destruir tais saberes e colocá-los em um patamar de desvalor, entretanto, o ponto de análise heideggeriana reside

na questão do porquê tais valores seriam “isentos” de reflexão, do porquê eles ganharam tal status de “valor supremo”:

Pensa-se (...) que o que não é positivo é negativo, e que assim se pratica do desprezo da razão e merece, por isso, ser marcado como depravação. (...) Rejeita-se tudo o que não permanece truncado junto ao conhecimento e idolatrado positivo, na fossa previamente preparada da pura negação. (...) Mas será que efetivamente o ‘contra’ que um pensar apresenta diante do que comumente se imagina, aponta necessariamente para a pura negação e para o negativo? Isto acontece só então e neste caso, sem dúvida, de modo inevitável e definitivo – isto é, sem uma livre visão de qualquer outra coisa – quando já de antemão se coloca o elemento opinativo como ‘o positivo’, decidindo, a partir deste, absoluta e ao mesmo tempo negativamente, sobre o âmbito de toda e qualquer possível oposição a ele. Num tal procedimento esconde-se a recusa de submeter a uma reflexão o que, por preconceito, se julga ‘positivo’, juntamente com posição e oposição, diáde esta em que se pensa estar a salvo. (...) O pensar contra ‘os valores’ não afirma que tudo aquilo que se declara como ‘valores’ (...) sejam sem valor. Ao contrário (...), ao avaliar algo como valor, aquilo que foi valorado é apenas admitido como objeto de avaliação pelo homem. (...) Todo o valorizar, mesmo onde é um valorizar positivamente, é uma subjetivação (Heidegger, 1947/2005, p.59-62).

Ao realizamos um caminho crítico ao modo de análise do pensamento científico quanto àquilo que estes julgam como mais ou menos relevante, “não se trata de negar ou de limitar a ciência; trata-se de saber se ela tem o direito de negar ou de excluir como ilusórias todas as pesquisas que não procedam como ela» (Merleau-Ponty, 1948/2004, p.06). Eis aqui o que chamaremos de *mito da insignificância*: há um entendimento de que a crítica está a serviço da destruição do objeto criticado, da aniquilação de seus conteúdos e do consequente desaparecimento de sua existência.

O saber científico, através da leitura obtusa do argumento fenomenológico, não se coloca ao diálogo de seus elementos estruturantes e, mantendo-se neste posicionamento de apego aos próprios princípios, apenas replica seus núcleos caracterizados como indubitáveis para a manutenção de seu *status quo* e realiza, num movimento autorreferente, um esfacelamento dos conhecimentos divergentes ao modo de pensar técnico-calculante, anulando-os da viabilidade de trazer ao debate temas importantes para o enriquecimento do horizonte científico, rotulando-os de “descartáveis” e remetendo-os ao que apontamos no primeiro mito.

Buscando o “lugar mais originário”

No decifrar do que está em jogo neste apagamento da Fenomenologia enquanto expressão possível dentro do TEA, ainda há de se desvendar os princípios desta prática e o porquê destes, em tese, não se coadunarem com aquilo que é divulgado como “correto” na metodologia de trabalho com esta população.

Feijoo coloca o método como “um lugar no qual o caminho da investigação copertence ao tema investigado por aquele que persegue o tema. Pretendemos conquistar, assim, o espaço que denominamos mais originário – ou seja, anterior a qualquer compreensão teórica – no qual a existência se dá” (Feijoo, 2018, p.330). Ora, a cientificidade, mesmo na lógica do cálculo, não atinge o âmbito da existência? Qual seria este “local mais originário” buscado pela Fenomenologia? Para compreender, precisaremos dar um passo atrás, fugir deste embate direto e buscar outras rotas para seguir viagem nesta análise.

Sendo assim, a literatura aparece como caminho alternativo para que possamos continuar a procurar este “local mais originário” ao qual mencionamos, uma vez que a literatura nos entrega a possibilidade de nos aproximarmos da experiência sem a perda da existência humana, fazendo valer seu sentido ao dar voz à experiência do homem em seu caráter sensível (Feijoo, 2017, p.33), já que seu foco não é a preocupação com o rigor metodológico científico (Feijoo, 2017, p.22-23); ou seja, por conta de que a literatura tem seu vigor na descrição da experiência singular, abre-se margem para que questionamentos a respeito das verdades estabelecidas sobre o homem e seu existir possam emergir (Feijoo, 2017, p.33), rompendo com as determinações e imposições mundanas de como as coisas devem ser e dando espaço para o surgimento de outras formas de ser (Feijoo, 2017, p.69-70).

Optamos neste artigo em trazer um gênero específico de literatura: a história em quadrinhos (HQs). Esta é uma forma de expressão gráfica cuja narrativa combina uma arte sequencial pictórica com um certo meio de comunicação daquilo que elas conceituam, podendo, ou não, utilizar-se combinações de palavras para alcançar sua intenção comunicativa. Entretanto, ressalta-se que este conceito de arte sequencial não se vincula apenas às HQs:

“Arte sequencial” pode ser aplicado tanto aos quadrinhos quanto às animações – ou qualquer tipo de arte ordenada em sequências –, e há uma diferença fundamental entre ambas. Embora se possa pensar em uma película de filme como uma rápida sucessão de pequenos quadros, estes utilizam o mesmo espaço para sua projeção contínua, enquanto, nos quadrinhos, eles ocupam espaços diferentes. O leitor não permanece com seu olhar fixo em um determinado ponto (tal qual a narrativa projetada do cinema); ao contrário, as HQs dependem de sua colaboração, do percurso feito por seu olhar ao longo da página, e de muitas outras. Em

outros termos, aqui não há narrativa sem a ajuda do leitor. É justamente essa diferença, a necessidade de esquadrihar diferentes pontos, que possibilita a compreensão com sucessão de quadros (Araújo, 2018, p.21).

Dentro deste escopo trazido por Araújo, o mesmo ainda vai além ao colocar que é perfeitamente aceitável que haja quadrinhos narrativos de sequencialidades mediante experimentações relacionadas a percepção de cores, sensações e através da exploração, ou não, de uma infinidade de elementos; sendo assim, as HQs não necessariamente apresentam ao leitor uma narrativa clássica e tal característica não nega a presença de uma narrativa, mas ao contrário, outro estilo narrativo é explorado (Araújo, 2018, p.23-24). Pelo fato de que as HQs dependem da mescla concomitante de vários componentes – símbolos, ícones, diagramação, pigmentação – para despertar o interesse no leitor, estamos falando aqui de uma arte interpretativa por natureza, mesmo que tais componentes sirvam para reproduzir e representar o real.

Em *A Diferença Invisível* (2016/2017), quadrinho baseado em fatos reais, de Julie Dachez & Mademoiselle Caroline, observamos a jovem Marguerite frente às situações estressantes de seu dia-a-dia: o incômodo com os barulhos cotidianos, a dificuldade em exibir traquejos sociais “adequados” e de se relacionar em meio aos diferentes grupos – que, às escondidas, realizavam comentários pejorativos sobre seus costumes e seu “modo díspar de funcionamento” –, a obrigatoriedade de se enquadrar ao exigido pelo ambiente de trabalho e as discussões que ocorrem com seu namorado pelo seu “jeito diferente de ser”.

Após uma pesquisa no Google sobre suas sintomatologias e posterior bateria de testes num centro especializado, recebeu o diagnóstico de Síndrome de Asperger³ e, a partir daí, viu sua vida transformar-se radicalmente: criou forças para terminar seu relacionamento amoroso, teve coragem para pedir demissão de seu trabalho, conseguiu novos círculos de amizades, aprendeu estratégias eficazes para atenuar as situações estressantes, realizou uma tatuagem e criou um blog para expor suas experiências; ou seja, Marguerite encontrou seu lugar no mundo e pode construir novos significados para seu existir.

3 Se considerarmos as informações do “Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais: DSM-V”, houve uma fusão entre os diagnósticos de “Transtorno Autista”, a “Síndrome de Asperger” e o “Transtorno Global Do Desenvolvimento” no “Transtorno Do Espectro Autista” por conta destes transtornos representarem um *continuum* único de prejuízos ao invés de constituírem transtornos distintos. Mas, se considerarmos que autora deste quadrinho é europeia, precisamos ressaltar que o continente europeu segue a “Classificação Estatística Internacional De Doenças E Problemas Relacionados À Saúde” (CID) da Organização Mundial De Saúde (OMS) e, em tal compêndio, a “Síndrome de Asperger” se mantém como um diagnóstico possível a ser efetuado, mesmo que se compreenda que é um *continuum*. Esta visão do espectro está presente na 11ª edição da CID.



Em *Fala, Maria: Um Romance Gráfico Sobre O Autismo* (2020), quadrinho baseado em fatos reais, de Bernardo Fernández, acompanhamos o relato do próprio autor sobre suas vivências com sua filha Maria, desde a observação de suas primeiras “peculiaridades” no desenvolvimento, as consequências emocionais geradas no casal a partir da confirmação do diagnóstico de TEA – culminando na separação do casal com o passar dos anos –, os comentários das pessoas ao seu redor que “justificariam os motivos do problema” de Maria (“você é um pai muito ausente”, “é por causa da vacina que a mãe tomou quando estava grávida”, “são as drogas que a mãe usou na gravidez”, “não deu tempo de mamar necessário”, “na família de vocês só tem gente estranha”) até a busca por tratamentos milagrosos tais como enzimas do estômago de bovinos que “curariam” o TEA.

Em um dado momento, um dos profissionais do instituto no qual Maria havia iniciado seu tratamento avisa à Bernardo, no auge de seu desespero paterno com relação ao futuro de sua filha, que ainda havia muita coisa a se fazer com ela e, a partir daí, a convivência com Maria se encheu de esperança, passando a enxergá-la para além de um diagnóstico limitante, enxergando-a como uma criança que possui suas potencialidades e que consegue trilhar seus próprios passos na conquista do experienciar de seu mundo.

Já em *Jun* (2018/2022), quadrinho baseados em fatos reais, de Keum Suk Gendry-Kim, estamos diante da história de vida de Jun Choi, um famoso pianista sul-coreano diagnosticado com TEA, que é contada através do ponto de vista de sua irmã mais nova Yun-Seon, resgatando vivências importantes da convivência com seu *Oppá*⁴, desde os momentos da primeira infância em que Jun já apresentava os primeiros indícios de um déficit neuropsicomotor – atraso na aquisição da fala, interações socialmente inesperadas com os objetos ao seu redor, dificuldades em manter o foco de atenção, interesse restrito a manifestações sonoras –, as situações de *bullyings* escolares sofridos por se portar de maneira diferente dos outros alunos neurotípicos – gerando, inclusive, uma situação na qual o diretor da escola intima que a família transfira Jun para outro colégio por reclamação das mães dos outros alunos, argumentando que ele interfere no direito das crianças em receber um ensino igualitário – e os preconceitos das pessoas ao redor frente a uma criança tão incomum aos padrões normalmente estabelecidos.

Depois dos pais procurarem vários tratamentos para seu filho – que incluíam desde Fonoaudiologia, Ludoterapia, Educação Especial, Acupuntura ou mesmo tratamentos milagrosos com pastores, curandeiros e “substâncias místicas” como ingestão osso de tigre em pó – a vida de Jun começa a se mudar radicalmente após o mesmo ser matri-

4 Termo utilizado por mulheres sul-coreanas para se referirem a um irmão mais velho, ou mesmo alguém muito próximo a elas que possui essa referência afetiva.

culado nas aulas de Pansori⁵: por conta que os sons desse gênero musical são fortes e é necessário grande força no abdômen para serem produzidos, Jun começou repetir algumas palavras soltas que a professora ensinava e logo iniciou a reprodução de frases completas; pouco tempo depois, passou a participar de campeonatos juvenis de Pansori e, aos domingos, fazia apresentações em bairros que concentravam grande aporte artístico e cultural da região. Em um dos trechos, Yun-Seon diz: “ainda que fossem performances curtas, de dez a quinze minutos [...], não passava pela cabeça de ninguém que meu irmão é uma pessoa com autismo. Eram horas em que meu irmão existia no mundo tão somente como cantor. Não como uma pessoa com deficiência” (Gendry-Kim, 2018/2022, p.130).

Desde então, os pais de Jun começaram a enxergá-lo como alguém capaz de superar as dificuldades existenciais: o matricularam em diversas aulas de instrumentos musicais (violão, bateria, piano e tambor tradicional, além do Pansori), montaram um pequeno estúdio de música nos fundos da loja de roupas administrada pela família em que ele poderia ter liberdade para tocar o quanto quisesse, começou a realizar suas primeiras composições musicais e se arriscou a tentar voltar sozinho de alguns compromissos.

Observamos, nestas três histórias em quadrinhos, que o elemento principal que as une é o fator da vivência que os personagens principais possuem com essa forma de experienciar o mundo que comumente denominamos TEA. Seguindo neste caminho, somos colocados a pensar de que aquilo que buscamos como o “local mais originário” diz respeito ao envolvimento que temos com a própria existência, as significações que construímos para os diferentes eventos que vivenciamos ao longo de nossas vidas.

Merleau-Ponty (1945/2006b, p.03) infere que todo universo da ciência é edificado sobre o mundo vivido e, para pensá-la, precisamos antes despertar essa experiência de mundo; sendo assim, a própria ciência jamais terá o mesmo sentido de ser do mundo percebido/vivido, pois esta acaba sendo uma determinação, uma explicação ou ainda uma expressão segunda da experiência. Encontramos aqui o que chamaremos de *mito da inépcia*: dado o fato da Fenomenologia retornar ao mais originário da existência, há uma áurea de que esta abordagem, nos cuidados aos pacientes com TEA, é cercada de certa “impotência”.

Considerando que o pensamento científico busca conseguir conclusões diagnós-

5 “Gênero musical tradicional coreano, performado por um cantor e um tocador de tambor, que faz contraponto rítmico ao cantor, além de intervenções vocálicas esporádicas. Um único cantor interpreta todos os personagens da peça, a voz do narrador e também os efeitos sonoros ambientais, por isso, a sua voz deve ser preparada para reproduzir todos os sons humanos e da natureza, o que implica num treinamento de grande rigor e dificuldade” (Gendry-Kim, 2018/2022, p.121).

ticas mediante observação dos comportamentos e posterior agrupamento destes em checklists (Messas, 2004, p.94), tal prática instrumentaliza os profissionais a abandonarem os meandros existenciais profundos e as significações construídas sobre o existir em prol de uma atuação puramente sintomatológica, baseada em classificações predeterminadas sobre o homem e que, ao desconsiderar uma reflexão imersiva dos adoecimentos mentais e ao desconsiderar o caráter de liberdade constitucional do humano, reduz-se ao âmbito do viés biológico como única fonte possível de análise e o transfigura como local seguro de extração da verdade, encaminhando a Fenomenologia ao estado de inoperância, estagnando-a dentro destes mitos.

Considerações finais

Obviamente, ainda existem camadas a serem dissecadas neste trajeto que busca a colocação da Fenomenologia como linha de pensamento possível para se pensar o TEA; sendo assim, a intenção deste trabalho não é finalizar estas discussões, mas sim colocar este afastamento como pauta de futuras conversas, na intenção de reverter este cenário.

Ao observarmos este dito afastamento entre a Fenomenologia e os postulados científicos vigente, não compactuamos com a ideia de que tais visões de mundo não possam coexistir, tampouco focamos nossa análise em desqualificar uma perante a outra, pelo contrário, o fato de ressaltarmos aqui alguns elementos estruturais destas linhas de raciocínio possui o objetivo de realçar suas diferenças enquanto potências de ação, cujo intuito é mostrar o quanto que este aparente afastamento entre ambas, dentro do âmbito dos trabalhos junto ao TEA, é, antes de tudo, um postulado que se solidificou, com o passar do tempo, dentro de um aspecto de “verdade absoluta”, mantendo a Fenomenologia dentro de uma certa marginalidade sobre o assunto.

Sem dúvidas, este artigo não possui a intenção de revelar o caminho, ou mesmo de fornecer a resposta límpida e transparente que resolveria a questão deste suposto afastamento; na verdade, este caminho é um eterno devir a ser conquistado pelos profissionais e pesquisadores da Fenomenologia dentro do prisma do TEA, logo, os tópicos que sublinhamos ao longo do texto – mito da irrelevância, da insignificância e da inépcia – são possuem o caráter de serem tópicos fechados e intransponíveis. Na realidade, este escrito nada mais fornece além de uma leitura possível a respeito desta problemática e que, em hipótese alguma, invalida quaisquer outros tipos de leituras sobre este tema.

Além disso, focamos na literatura como alternativa plausível na busca por aquilo que denominamos como “local mais originário”, norte principal do dissecar da Fenomenologia enquanto vertente admissível para uma clínica voltada ao TEA, pelo fato de que esta forma de arte. Seguindo nesta trilha, as histórias em quadrinhos foram utilizadas neste trabalho como ilustrações potentes

Para finalizar, não poderíamos deixar apontar, através da bússola de Julie Dachez, onde se localiza, na nossa humilde opinião, o foco fenomenológico nos trabalhos voltados a esta diagnose:

Não há nada a curar em vocês, nada a mudar. Seu papel não é se encaixar em um molde, mas sim ajudar os outros – todos os outros – a sair dos moldes em que estão presos. Você não está aqui para seguir um caminho predefinido, mas, ao contrário, para seguir o seu próprio caminho e convidar aqueles ao seu redor a pensar fora da caixa. Ao abraçar sua verdadeira identidade, aceitando sua singularidade, você se torna um exemplo a ser seguido. Você tem o poder de romper essa camisa de força normativa que sufoca a todos nós e nos impede de viver juntos com respeito e tolerância. Sua diferença não é parte do problema, mas da solução. É um remédio para nossa sociedade, doente de normalidade (Dachez, 2016/2017, p.03) ●

Referências

Araújo, T. C. de (2018). **A Narrativa Gráfica da Nouvelle Manga: Um Estudo A Partir De Gourmet E O Espinafre E Yukiko**. Monografia de Graduação. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. Recuperado em 08 de setembro de 2021, de file:///C:/Users/MICROS~1/AppData/Local/Temp/Nouvelle%20Manga%20(Tiago%20Can%C3%A1rio).pdf.

Associação Americana De Psiquiatria (2014). **Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais: DSM-V** (M. I. C. Nascimento, trad., A. V. Cordioli, rev. técnica) (5ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Dachez, J. & Caroline, M. (2017). **A Diferença Invisível** (R. Silveira, trad.) (1ª ed.). São Paulo: Nemo. (Originalmente publicado em 2016)

Feijoo, A. M. L. C. de (2010). **A Escuta E A Fala Em Psicoterapia: Uma Proposta Fenomenológico-Existencial** (2ª ed.). Rio de Janeiro: IFEN.

Feijoo, A. M. L. C. de (2017). **Existência & Psicoterapia: Da Psicologia Sem Objeto Ao Saber-Fazer Na Clínica Existencial** (1ª ed.). Rio De Janeiro: Edições IFEN.

Feijoo, A. M. L. C. de. Metà-hodós: da Fenomenologia Hermenêutica à Psicologia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 24(3), 329-339, doi: 10.18065/RAG.2018v24n3.7. Recuperado em 03 de setembro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000300007&lng=pt&nrm=iso.

Fernandez, B. (Bef). (2020). **Fala, Maria: Um Romance Gráfico Sobre O Autismo** (J. Martins, trad.) (1ª ed.). São José: Skript Editora.

Gendry-Kim, K. S. (2022). **Jun** (Y. J. Im, trad.) (1ªed.). São Paulo: Pipoca & Nanquim. (Originalmente publicado em 2018)

Heidegger, M. (2005). **Carta Sobre O Humanismo** (R. E. Frias, trad.) (2ª ed.). São Paulo: Centauro. (Originalmente publicado em 1947)

Heidegger, M. (2017). **Seminários De Zollikon: Protocolos, Diálogos, Cartas** (G. Arnhold & M. de F. de A. Prado, trads.) (3ª ed.). São Paulo: Escuta. (Originalmente publicado em 1987)

Maenner, M. J., Shaw K. A., Baio J., et al. (2016). **Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network**, 11 Sites, United States. *MMWR Surveill Summ* 2020;69(No. SS-4):1–12. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6904a1>

Merleau-Ponty, M. (2004). **Conversas – 1948** (F. Landa & E. Landa, trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1948)

Merleau-Ponty, M. (2006a). **A Estrutura Do Comportamento** (M. V. M. de Aguiar, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1942)

Merleau-Ponty, M. (2006b). **Fenomenologia Da Percepção** (C. A. R. de Moura, trad.) (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1945)

Merleau-Ponty, M. (2009). **O Visível E O Invisível** (J. A. Gianotti & A. M. d'Oliveira, trads.) (4ª ed.). São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1964)

Messas, G. (2004). **Psicopatologia E Transformação: Um Esboço Fenômeno-Estrutural**. São Paulo: Casa Do Psicólogo.

Messas, G. (2014). **Psicose E Embriaguez: Psicopatologia Fenomenológica Da Temporalidade**. São Paulo: Intermeios.

Murad, M. H., Asi, N., Alsawas, M. & Alahdab, F. (2016). New Evidence Pyramid. **Evidence Based Medicine**, 21(4), 125–127. doi:10.1136/ebmed-2016-110401.

Organização Mundial da Saúde (coord.) (1993). **Classificação De Transtornos Mentais E De Comportamento Da CID-10: Descrições Clínicas E Diretrizes Diagnósticas** (D. Caetano, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Organização Pan-Americana da Saúde. (abril/2017). **Folha Informativa – Transtorno do Espectro Autista**. [Web Page]. Recuperado em 27 de agosto de 2020, de <https://www.paho.org/bra/index.php?Itemid=1098>.

Sampaio, R. F. & Mancini, M. C. (2007). Estudos De Revisão Sistemática: Um Guia Para Síntese Criteriosa Da Evidência Científica. **Revista Brasileira De Fisioterapia**, 11(1), 83-89, doi: 10.1590/S1413-35552007000100013. Recuperado em

27 de agosto de 2020, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013&lng=en&nrm=iso.

Shaneyfelt, T. (2016). Pyramids Are Guides Not Rules: The Evolution Of The Evidence Pyramid. **Evidence Based Medicine**, 21(4), 121–122. doi:10.1136/ebmed-2016-110498.

Sousa, M. R. de & Ribeiro, A. L. P. (2009) **Revisão Sistemática E Meta-análise De Estudos De Diagnóstico E Prognóstico: Um Tutorial**. Arquivos Brasileiros de Cardiologia, 92(3), 241-251. Recuperado em 27 de agosto de 2020, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2009000300013&lng=en&nrm=iso.